

SANDRA KAORI OKADA

**ANÁLISE DO CONTO “O SEGREDO DO BONZO”
DE MACHADO DE ASSIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SANTA CRUZ
JABOTICABAL - SP
2009**

SANDRA KAORI OKADA

**ANÁLISE DO CONTO “O SEGREDO DO BONZO”
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação São Luís, como exigência
parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação
Latu Sensu em língua portuguesa, compreensão e
produção de textos.

Orientadora: Professora Djenane Sichieri Wagner
Cunha

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO DE SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SANTA CRUZ
JABOTICABAL - SP
2009**

Dedicamos

A nossa família

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante.

À professora Djenane Sichieri Wagner Cunha, pela orientação.

Aos professores tutores, pela dedicação e disponibilidade nos momentos de orientação e esclarecimentos de dúvida.

A família, pelo apoio e compreensão.

Aos colegas de curso, pela convivência agradável.

“Um dos defeitos mais gerais, entre nós, é achar sério o que é ridículo, e ridículo o que é sério, pois o tato para acertar nestas coisas é também uma virtude do povo”

(ASSIS, Machado de. Ao Acaso. Crônicas, 28 de março de 1865)

RESUMO

O trabalho objetiva analisar o conto “O Segredo do Bonzo” de Machado de Assis, que se insere na segunda fase do autor e foi originalmente publicado em 1882. O conto trata de um passeio realizado pelo narrador, Fernão Mendes Pinto, e Diogo Meireles na cidade de Fuchéu no reino de Bungo, em 1552, e pretende discorrer sobre a doutrina do bonzo Pomada. Traz como tema a aparência que se torna essência. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica do tema, mediante a leitura, análise e interpretação de livros, textos e documentos. No primeiro capítulo, há uma abordagem do autor e do contexto histórico-social, a fim de melhor situar o conto ao momento em que foi escrito. Em seguida, temos um estudo sobre os elementos da narrativa, especialmente no que se refere ao enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador. Após, procedemos à análise do conto, dividido em partes, de forma a obter melhor compreensão da narrativa. Adiante, as considerações finais acerca do tema escolhido.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 7
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR	p. 8
2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA NARRATIVA	p. 10
3 ANÁLISE DO CONTO	p. 12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 18
REFERÊNCIAS	p. 19
APÊNDICE	p. 20

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise do conto “O Segredo do Bonzo” de Machado de Assis.

Objetivamos com este trabalho fazer um estudo histórico e contextual do conto, especialmente em relação aos elementos da narrativa.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica do tema, mediante a leitura, análise e interpretação de livros, textos e documentos.

O trabalho está estruturado em capítulos, de maneira a facilitar a abordagem e organização do trabalho de conclusão de curso.

No primeiro capítulo, faremos uma abordagem do autor e do contexto histórico-social, a fim de melhor situar o conto ao momento em que foi escrito.

Em seguida, faremos um estudo sobre os elementos da narrativa, especialmente no que se refere ao enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador.

Após, teremos a análise do conto, dividido em partes, de forma a obter melhor compreensão da narrativa.

Adiante, o resultado e discussão acerca do tema escolhido.

E, por fim, teremos as considerações finais e as referências bibliográficas.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, na Quinta do Livramento, no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, primeiro filho de Francisco José de Assis, nascido escravo e alforriado, pintor decorador, e Maria Leopoldina Machado da Câmara, costureira. Seus pais moravam como agregados na propriedade de Dona Maria José de Mendonça Barroso Pereira, madrinha do escritor.

Machado de Assis escreveu de maneira ininterrupta dos 15 aos 69 anos. Seus primeiros textos datam da década de 1850 e os últimos são do ano de sua morte, em 1908.

Escreveu crônicas, poesias, peças de teatro, traduções, críticas, ensaios, contos e romances. O interesse por todas essas formas de expressão literária demonstra uma busca incessante do autor por um estilo próprio de escrita e de interpretação da vida.

Durante sua vida, ocorreram vários movimentos artísticos, como o romantismo, realismo, naturalismo, impressionismo, parnasianismo e simbolismo, sendo que o autor não se filiou exclusivamente a uma escola, mas apenas extraiu o que entendia de mais importante em cada movimento para criar a sua própria maneira de escrever.

Os textos machadianos são atuais, tendo como base o pessimismo e o humor, ao descrever e compreender o ser humano, donde surge “um dos principais traços de seu espírito, a *ironia*, que é o riso dividido, pelo excesso de lucidez, entre o desencanto e o cinismo”¹.

¹ TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. Primeira Edição. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1987, p. 4

A obra de Machado de Assis divide-se em duas fases, a fase de aprendizagem e a fase de maturidade.

Na fase de aprendizagem, aparecem elementos românticos, e incluem, basicamente, os seguintes títulos: *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875), *Contos Fluminenses* (1870), *Histórias da meia noite* (1873), *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

Nessa fase, verifica-se um esforço muito grande do autor para dominar as técnicas e formas da literatura. Apesar de ao final desse período já ser considerado o melhor escritor brasileiro, para ele essa fase era apenas o começo, pois pretendia desmascarar a sociedade e reescrever a literatura brasileira. A sua verdadeira intenção era atingir uma capacidade de problematização e alto índice de reflexão.

A segunda fase, de maturidade, compreende basicamente os títulos: *Ocidentais* (1901), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899), *Relíquias da casa velha* (1906), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

O Segredo do Bonzo foi originalmente publicado na Gazeta de Notícias em 1882, e, posteriormente, integrado ao livro *Papéis Avulsos*. Assim, pertence a segunda fase do autor. Por isso, verifica-se estar presente no conto a crítica machadiana aos valores deturpados da sociedade, bem com às pessoas alienadas, que pensam somente em seus próprios interesses.

2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Conforme a classificação clássica, quanto à forma, o conto ora estudado classifica-se como prosa, eis que apresenta um encadeamento lógico.

Quanto ao conteúdo, pertence ao gênero narrativo conto, estruturado sobre uma narrativa mais curta, com número reduzido de conflitos, personagens, espaço e tempo.

Passemos ao estudo dos elementos da narrativa.

O **enredo** está estruturado nas seguintes partes:

1 exposição - começo da história, onde são apresentados os fatos iniciais. No caso em exame, temos o primeiro parágrafo e a primeira parte do segundo, visto que ambienta o narrador - Fernão Mendes Pinto - e seu companheiro Diogo Meireles, o tempo (ano de 1552), bem como o espaço, cidade de Fuchéu, capital do reino de Bungo. Aqui também fica clara a intenção do enredo, que é apresentar a doutrina do bonzo Pomada.

2 desenvolvimento - é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito. No conto, refere-se à apresentação dos pomadistas Patimau e Languru, o encontro com Titané, amigo de Diogo Meireles, a introdução à doutrina do bonzo Pomada, bem como a aplicação da referida doutrina por Titané e pelo narrador.

3 clímax - é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega ao ponto máximo. Podemos dizer que no texto em estudo, o clímax seria a engenhosa experiência de Diogo Meireles que, apesar da incredulidade de alguns, conseguiu convencer até alguns filósofos.

4 desfecho - é a solução do conflito. Para o conto em questão, o desfecho é a comprovação da eficácia da doutrina, e a dedicação do relato “para a glória do bonzo e benefício do mundo”. Nesse caso, o final é irônico, porque pretende deixar a doutrina pomadista como herança para a sociedade.

Quanto à **personagem**, podemos dizer que o protagonista é o narrador que pretende, ao narrar o conto, obter a verdadeira alma pomadista. Como característica das narrativas da fase madura de Machado de Assis, o conto não descreve fisicamente o protagonista, pois o interesse do autor é a pesquisa da alma humana, ou seja, as características psicológicas, sociais e morais.

Participam, também, Diogo Meireles, Patimau, Languru, Titané e o bonzo Pomada.

No que tange ao **tempo**, o conto está situado em 1552, onde se pretende um afastamento no tempo para dar mais verossimilhança à história, e por ser o narrador um escritor quinhentista.

O **espaço** é a cidade de Fuchéu, capital do reino de Bungo, na China, pois pretende fazer um relato de viagem ocorrido naquela época.

Por fim, temos que a **narrativa** é realizada em primeira pessoa, que participa diretamente do enredo, por isso tem um campo de visão limitado, como qualquer personagem.

Nesse aspecto, temos ainda que o narrador é protagonista, pois pretende dar a sua versão da sua experiência na doutrina pomadista.

Vejamos, agora, a questão do tema, assunto e mensagem.

O tema é aparência x essência.

O assunto, a experiência pomadista do narrador.

A mensagem é de que a aparência se torna essência na sociedade superficial.

3 ANÁLISE DO CONTO

No conto “O Segredo do Bonzo”, Machado de Assis lança o tema da aparência que se torna essência, da mentira que mediante arte e astúcia, suplanta a realidade e torna-se verdade, afirmando, assim, que o “o real pode ser o que parece real”²

Nele o narrador, supostamente Fernão Mendes Pinto, conta sua experiência no reino de Bungo, onde um bonzo renomado, de nome Pomada, “ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras dividas e humanas” revela sua doutrina, o Pomadismo, cujos dois postulados principais encontram-se nos trechos:

“... a virtude e o saber têm duas existências paralelas: uma, no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem”

“.... se uma coisa existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente”.

Verifica-se que, segundo o pomadismo, saber e virtude de nada valem enquanto modo de elevação moral ou intelectual, mas somente enquanto modo de obtenção de glória, lucro e poder. E mais do que isso, esse saber e essa virtude não precisam necessariamente ser reais, precisam parecer reais.

Todas as experiências do conto, inspiradas na “nova doutrina”, mostram isso, que Patimau não descobriu a origem dos grilos, Languru não encontrou a

² CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 25

essência da vida eterna, as alparcas de Titané e a execução de charamela eram medíocres, e os narizes metafísicos eram realmente e tão somente metafísicos. No entanto, por meios diversos, todos esses pomadistas convenceram o povo de que eram notáveis sábios.

Todos os casos relatados apresentam semelhanças pouco casuais, como o uso da palavra, da retórica, enquanto meio de manipulação. Todos afirmam mentiras, mas com tamanha “energia de palavras”, que convencem multidões. O conto equivale a um verdadeiro “manual do pomadista bem sucedido”. E vale acrescentar que o autor, em uma nota ao conto, afirma que “Pomada e pomadista são locuções familiares da nossa terra: é o nome local de charlatão e do charlatanismo”.

Conforme referido manual, deve dar-se à mentira um aspecto de verdade, expondo a autoridade e competência própria ou alheia. Patimau afirma que a descoberta da origem dos grilos seria impossível quem não fosse “como ele, matemático, físico e filósofo”, eterno doutorismo brasileiro. E o alparqueiro Titané afirma que suas alparcas eram estimadas por “nada menos que vinte e dous mandarins”.

Devem-se também afirmar a grande dedicação, os longos anos de “experiência e estudo”. Aqui, vale notar que todos os pomadistas afirmam ser seus achados fruto de muitas experiências, satirizando o cientificismo e o experimentalismo exigidos no século XIX. Machado de Assis, no entanto, corrói esses conceitos: a experiência e a comprovação tornam-se desnecessárias e mesmo supérfluas diante de outras formas tão eficazes ou mais de convencimento. Afirma Pomada que “não relato [as experiências] por vos não tomar o tempo”.

Falando em convencimento, passemos a outro tópico: fazer publicidade do achado é sempre muito conveniente. A publicidade, essa “dona loureira e senhoril”, diria o pai de Janjão na “Teoria do Medalhão”, é, modernamente falando, a (segunda) alma do negócio. Como não há espetáculo sem espectador, ela torna-se muito útil, senão elementar. Usar uma esquina, um papel, uma assembléia para promover-se. Caprichar nas palavras, nos gestos e nos (falsos) argumentos.

Ainda é de bom tom parecer falsamente modesto: afirmar o falso desinteresse no lucro e o falso desejo de somente dar glória à nação. Todos os adeptos afirmavam que seu fim único era dar glória ao reino de Bungo. Isso também é uma forma de convencimento, é uma forma de “dividir” a glória com a multidão.

Uma possível repercussão do reino de Bungo, mediante a “genialidade” de seus sábios, significaria uma repercussão também dos cidadãos de Bungo.

E como último tópico: o pomadista não deve, sob pena de danar e perder a doutrina em seus primeiros passos, convencer-se da sua mentira, mas somente convencer os outros. Acreditar na máscara é ingenuidade. E um ingênuo nunca é um pomadista legítimo.

E foi quase isso que chegou a acontecer ao narrador. Após sua execução de chamarela, ele afirma que a aclamação da platéia “quase me persuadiu do meu merecimento”. Nesse primeiro momento, ele parece ainda não ter verdadeira alma de pomadista. Afirma a Titané: “não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos”. Parece não ter compreendido a doutrina em todos os seus pontos (talvez porque não dominasse a língua da terra e o bonzo falasse diretamente, sem a tradução de Diogo Mereiles), que ainda dissocia virtude de lucro. Mostrar aos outros uma qualidade, mesmo que não a possuímos, só vale se nos trazer glória. E isso Titané conseguiu. Só com o afastamento no tempo (“naquele ano de 1552”) e com a conclusiva experiência de Diogo Meireles ele se tornará pomadista integral. O relato do conto, de certa forma, seria a sua verdadeira experiência pomadista. É interessante como Machado de Assis mostra esse dado, eis que o narrador descreve a experiência de Titané com muitos pormenores, enquanto a sua, por estar “corrompida” pela ingenuidade, narra sucintamente, passando rápida e diretamente à experiência de Diogo Meireles: “Mas, como digo...”

Todas as pseudoexperiências são relatadas com um quê de humor, de sátira. Em muitos momentos, são mesmo risíveis. No entanto, talvez atrás dessa máscara agradável exista uma face menos bela. Usando a técnica de falar de casos aparentemente distantes da realidade e mesmo absurdos, Machado de Assis faz uma severa crítica à realidade da época, que pode perfeitamente ser aplicada aos tempos atuais.

Primeiramente, no sentido de que o poder é resultado mais de astúcia e logro do que de virtude ou merecimento. Isso porque, um pomadista convicto tem todas as chances de chegar ao poder de alguma forma. Pomada afirma sobre Patimau e Languru, após suas experiências: “têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles”. E o narrador: “não é só lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda,

[e ironicamente] conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro”. O que é isso senão poder? E não se pode deixar de citar a notável semelhança entre o discurso pomadista e o político, que são as belas e ocas palavras, o bem da nação, o “obreiro diligente e amigo”, e até “umas cinqüenta corjas” de alpacas dadas aos pobres.

E o trágico é o resultado que esse discurso aparentemente falso acarreta: as multidões são totalmente convencidas. A opinião corrente, a aparência, mata qualquer tipo de dúvida ou reflexão. Essa multidão aclama da mesma maneira a descoberta da origem dos grilos e a descoberta do princípio da vida futura. Embora ambas as descobertas não passassem de mentira, há uma enorme distância entre elas. O mundano equivale ao celeste. Isso porque não é a essência que importa, mas a aparência, a casca. Ou melhor, “a essência é a aparência”³ E que exemplo melhor do que os enfermos, que antes preferiam a morte ao “desnarigamento”. Convencidos de que a cura era praticada e aceita aos “físicos de Malabar”, de que os narizes metafísicos eram tão verdadeiros quanto os originais, embalados pela energia das palavras, pela verdadeira interpretação de Diogo Meireles colocando os novos narizes, aceitavam o sacrifício e desnarigaram-se. E pior que isso foi o fato de eles continuarem a assoar seus narizes metafísicos. A opinião fez com que eles mesmos, não vendo os narizes, não se sentissem defraudados e acreditassem que estavam supridos. Levando em conta o sentido da expressão “ser dono do próprio nariz”, os desnarigados perderam o nariz denotativo e também conativamente.

No entanto, essa multidão aparentemente na condição de vítima da astúcia, não é poupada da crítica. Pequenos traços caracterizam-na, pois eram amantes da retórica. Vide Titané, ao chamar Diogo Meireles de “ouro da verdade e sol do pensamento” e, considerando que Machado de Assis nunca usa um adjetivo como simples adorno, beirava a bajulação. As personagens liam os jornais não com sentido cultural ou de conscientização, mas para ter as notícias primeiro que os demais moradores. De certa forma, tinham propensão a aceitar - e quase o merecimento - do pomadismo.

Diante da conveniência, nenhuma posição, nenhuma crença se mantém. Na assembléia que ouvia Diogo Meireles havia filósofos a quem “repugnava a metafísica do nariz”. Seria uma referência ao Positivismo, que negava a metafísica

³ BOSI, Alfredo. **A máscara e a fenda**. In: BOSI, Alfredo et. al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982.

ou qualquer coisa que ultrapassasse os sentidos, a observação. Machado de Assis corrói mais essa posição, eis que, não querendo ficar atrás de Diogo Meireles, admitiram o que lhes repugnava. Assim como as virtudes não valem sem gerar glória, também as crenças só valem quando, ou enquanto, se está do lado dos privilegiados. A ciência do “ver para crer” passa a “parecer para prever”.

A arte também se rende à opinião corrente. Uma execução de charamela gera aplausos e aclamações não pela qualidade, mas pela “graça”, pela aparência de grande arte. Forçando um pouco, até a fé pode entrar nesse jogo. O discurso de Languru, relativo ao princípio da vida futura, de “quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída”, em muito lembra o religioso. E talvez não seja gratuito o fato de Languru ter sido elevado a uma charola e de ser recebido com “veneração”.

Os meios de convencimento também levam sua cota. Além da palavra usada não como comunicação, mas como manipulação, há de se notar a interessante crítica do autor a “um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima ..., nos quais desenham com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana”, vulgo jornal. Verdadeiras esquinas para promoção, são duramente criticados. A manipulação fica patente, como, por exemplo, no fato de que Titané “fez inserir” a notícia que desejava. Não importa se a notícia diz respeito às novas leis do reino ou ao nome de barcos, não importa sequer se a notícia é verdadeira (essência) ou falsa (aparência). E note-se que quem afirmava tal coisa não eram alguém que desconhecia o ramo, mas que havia trabalhado longos anos no meio jornalístico.

Resta comentar o porquê de Machado de Assis ter classificado “O Segredo do Bonzo” como capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto, o cronista português que no século XVI visitou a China e sobre ela escreveu as suas Peregrinações - o que explica o vocabulário e os períodos atípicos em Machado de Assis. O autor acrescenta ao conto essa nota, no sentido de que “para tornar a narração sincera, dada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante que tantas maravilhas disse”. Num conto onde a única verdade é que a verdade aparente pode ser uma mentira bem contada, talvez seja ironia do autor querer tornar a narração “sincera”. A partir do século XVII, contestou-se a veracidade dos escritos de Fernão Mendes Pinto, e sua reputação de “cronista”, o que fez surgir o trocadilho “Fernão, Mentos? Minto”. Assim, considerando essa fama do cronista, o conto desde o início já estaria envolvido numa “aura pomadista”.

Além disso, existe outro paralelismo: logo no início da Peregrinação, Fernão Mendes Pinto escreve que “pois me quis (Deus) conservar a vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha intenção escrevê-la para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que Passei no decurso de vinte e um anos”⁴. Cumpra observar aqui que qualquer semelhança com as características pomadistas talvez não seja mera coincidência. E Machado de Assis termina seu “capítulo inédito” da seguinte forma: “o que tudo deixo relatado para glória do bonzo e benefício do mundo”. Ou seja, ambos têm o intuito de deixar seus escritos como “herança” aos homens, embora heranças distintas. Fernão Mendes afirmará logo a seguir que “tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem”⁵. E o pomadismo de Machado de Assis requer mais propriamente astúcia do que trabalho. Embora os pomadistas nunca deixem de fazer o que devem, em benefício próprio....

Ressalte-se que não deixa de ser uma herança, ao afirmar que o poder e a verdade são frutos de enganação e aparência. Mas que melhor herança do que aquela que gera lucro e consideração? E Machado de Assis sabia que ser pomadista, independentemente da moral duvidosa, era uma necessidade e uma condição, naquele novo mundo burguês, onde “em lugar do critério de honra e serviço, com o prestígio daí decorrente, aparece a notabilidade criada pelo jornal, pela praça pública e pelo mercado”⁶, para se colher os louros da glória. Ou as batatas.

⁴ Apostila 8 de Humanismo - Classicismo - Literatura Portuguesa. Disponível em [www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaPortuguesa/HumanismoClassicismo/Fernao Mendes Pinto](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaPortuguesa/HumanismoClassicismo/Fernao_Mendes_Pinto). Acesso em 29/9/2009.

⁵ Apostila 8 de Humanismo - Classicismo - Literatura Portuguesa. Disponível em [www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaPortuguesa/HumanismoClassicismo/Fernao Mendes Pinto](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaPortuguesa/HumanismoClassicismo/Fernao_Mendes_Pinto). Acesso em 29/9/2009.

⁶ FAORO, Raymundo. **O espelho e a lâmpada**. In: Bosi, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “O Segredo do Bonzo” retrata a segunda fase de Machado de Assis, eis que apresenta uma crítica à sociedade burguesa da época.

Nessa obra, Machado de Assis atribui seu texto aos escritos de Fernão Mendes Pinto, permitindo aparentar uma narração sincera, com fundo de ironia.

O tema principal do conto é aparência que se torna essência, da mentira que suplanta a realidade e torna-se verdade, bem como da retórica, enquanto meio de manipulação.

Todas as pseudoexperiências vividas pelas personagens são relatadas com um quê de humor, de sátira. Até a multidão, aparentemente na condição de vítima da astúcia, não é poupada da crítica, eis que assume o papel de amante da retórica.

Usando a técnica de falar de casos aparentemente distantes da realidade e mesmo absurdos, Machado de Assis faz uma severa crítica à realidade da época, que pode perfeitamente ser aplicada aos tempos atuais.

Assim, o autor pretende fazer uma crítica irônica à importância dada ao “parecer” acima do “ser”, o que permite que façamos uma reflexão sobre a alienação e mediocridade da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

Apostila 8 de Humanismo - Classicismo - Literatura Portuguesa. Disponível em www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaPortuguesa/HumanismoClassicismo/Fernao_Mendes_Pinto. Acesso em 29/9/2009.

ASSIS, Machado de. **O Segredo do Bonzo**. In: O Medalhão. São Paulo, SP: Clube do Livro, 1965.

BOSI, Alfredo. **A máscara e a fenda**. In: BOSI, Alfredo et. al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982

CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970

CHAGAS, Wilson. **A fortuna Crítica de Machado de Assis**. Primeira Edição. Porto Alegre, RS: Editora Movimento, 1994.

FAORO, Raymundo. **O espelho e a lâmpada**. In: Bosi, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Nona Edição. São Paulo, SP: Ática, 2006.

GUIDIN, Márcia Lígia, GRANJA, Lúcia, RICIERI, Francine Weiss. **Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea**. Primeira Edição. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2008.

PEREIRA, Lucia Serrano. **O conto machadiano: uma experiência de vertigem: ficção e psicanálise**. Primeira Edição. Rio de Janeiro, RJ: Cia de Freud, 2008.

QUEIROZ, Maria Eli de. **Machado de Assis e a religião: considerações acerca da alma machadiana**. Primeira Edição. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. Primeira Edição. São Paulo, SP: Martins Fontes. 1987.

VALE, Maria Teresa. **Fernão Mendes Pinto: O outro lado do mito**. Lisboa:Terra Livre, 1985.

APÊNDICE

“O Segredo do Bonzo” (Machado de Assis)

"Capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto

Atrás deixei narrado o que se passou nesta cidade Fuchéu, capital do reino de Bungo, com o padre-mestre Francisco, e de como el-rei se houve com o Fucarandono e outros bonzos, que tiveram por acertado disputar ao padre as primazias da nossa santa religião. Agora direi de uma doutrina não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada a todas as repúblicas da cristandade.

Um dia, andando a passeio com Diogo Meireles, nesta mesma cidade Fuchéu, naquele ano de 1552, sucedeu deparar-se-nos um ajuntamento de povo, à esquina de uma rua, em torno a um homem da terra, que discorria com grande abundância de gestos e vozes. O povo, segundo o esmo mais baixo, seria passante de cem pessoas, varões somente, e todos embasbacados. Diogo Meireles, que melhor conhecia a língua da terra, pois ali estivera muitos meses, quando andou com bandeira de veniaga (agora ocupava-se no exercício da medicina, que estudara convenientemente, e em que era exímio) ia-me repetindo pelo nosso idioma o que ouvia ao orador, e que, em resumo, era o seguinte: - Que ele não queria outra coisa mais do que afirmar a origem dos grilos, os quais procediam do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova; que este descobrimento, impossível a quem não fosse, como ele, matemático, físico e filósofo, era fruto de dilatados anos de aplicação, experiência e estudo, trabalhos e até perigos de vida; mas enfim, estava feito, e todo redundava em glória do reino de Bungo, e especialmente da cidade Fuchéu, cuja filho era; e, se por ter aventado tão sublime verdade, fosse necessário aceitar a morte, ele a aceitaria ali mesmo, tão certo era que a ciência valia mais do que a vida e seus deleites.

A multidão, tanto que ele acabou, levantou um tumulto de aclamações, que esteve a ponto de ensurdecer-nos, e alçou nos braços o homem, bradando: Patimau, Patimau, viva Patimau que descobriu a origem dos grilos! E todos se foram com ele ao alpendre de um mercador, onde lhe deram refrescos e lhe fizeram muitas saudações e reverências, à maneira deste gentio, que é em extremo obsequioso e cortesão.

Desandando o caminho, vínhamos nós, Diogo Meireles e eu, falando do singular achado da origem dos grilos, quando, a pouca distância daquele alpendre, obra de seis credos, não mais, achamos outra multidão de gente, em outra esquina, escutando a outro homem. Ficamos espantados com a semelhança do caso, e Diogo Meireles, visto que também este falava apressado, repetiu-me na mesma maneira o teor da oração. E dizia este outro, com grande admiração e aplauso da gente que o cercava, que enfim descobrira o princípio da vida futura, quando a terra houvesse de ser inteiramente destruída, e era nada menos que uma certa gota de sangue de vaca; daí provinha a excelência da vaca para habitação das almas humanas, e o ardor com que esse distinto animal era procurado por muitos homens à hora de morrer; descobrimento que ele podia afirmar com fé e verdade, por ser obra de experiências repetidas e profunda cogitação, não desejando nem pedindo outro galardão mais que dar glória ao reino de Bungo e receber dele a estimação que os bons filhos merecem. O povo, que escutara esta fala com muita veneração, fez o mesmo alarido e levou o homem ao dito alpendre, com a diferença que o

trepou a uma charola; ali chegando, foi regalado com obséquios iguais aos que faziam a Patimau, não havendo nenhuma distinção entre eles, nem outra competência nos banqueteadores, que não fosse a de dar graças a ambos os banqueteados.

Ficamos sem saber nada daquilo, porque nem nos parecia casual a semelhança exata dos dois encontros, nem racional ou crível a origem dos grilos, dada por Patimau, ou o princípio da vida futura, descoberto por Languru, que assim se chamava o outro. Sucedeu, porém, costearmos a casa de um certo Titané, alparqueiro, o qual correu a falar a Diogo Meireles, de quem era amigo. E, feitos os cumprimentos, em que o alparqueiro chamou as mais galantes coisas a Diogo Meireles, tais como - ouro da verdade e sol do pensamento, - contou-lhe este o que víramos e ouvíramos pouco antes. Ao que Titané acudiu com grande alvoroço: - Pode ser que eles andem cumprindo uma nova doutrina, dizem que inventada por um bonzo de muito saber, morador em umas casas pegadas ao monte Coral. E porque ficássemos cobiçosos de ter alguma notícia da doutrina, consentiu Titané em ir conosco no dia seguinte às casas do bonzo, e acrescentou: - Dizem que ele não a confia a nenhuma pessoa, senão às que de coração se quiserem filiar a ela; e, sendo assim, podemos simular que o queremos unicamente com o fim de a ouvir; e se for boa, chegaremos a praticá-la à nossa vontade.

No dia seguinte, ao modo concertado, fomos às casas do dito bonzo, por nome Pomada, um ancião de cento e oito anos, muito lido e sabido nas letras divinas e humanas, e grandemente aceito a toda aquela gentildade, e por isso mesmo malvisto de outros bonzos, que se finavam de puro ciúme. E tendo ouvido o dito bonzo a Titané quem éramos e o que queríamos, iniciou-nos primeiro com várias cerimônias e bugiarias necessárias à recepção da doutrina, e só depois dela é que alçou a voz para confiá-la e explicá-la.

- Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber, têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contacto com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

Neste ponto, afiamos os ouvidos e ficamos pendurados da boca do bonzo, o qual, como lhe dissesse Diogo Meireles que a língua da terra me não era familiar, ia falando com grande pausa, porque eu nada perdesse. E continuou dizendo:

- Mal podeis adivinhar o que me deu idéia da nova doutrina; foi nada menos que a pedra da lua, essa insigne pedra tão luminosa que, posta no cabeço de uma montanha ou no píncaro de uma torre, dá claridade a uma campina inteira, ainda a mais dilatada. Uma tal pedra, com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprio olhos. Considerei o caso, e entendi que, se uma coisa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião,

não a da realidade, que é apenas conveniente. Tão depressa fiz este achado especulativo, como dei graças a Deus do favor especial, e determinei-me a verificá-lo por experiências; o que alcancei, em mais de um caso, que não relato, por vos não tomar o tempo. Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não podem nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova, e por outro lado, o princípio da vida futura não está em uma certa gota de sangue de vaca; mas Patimau e Languru, varões astutos, com tal arte souberam meter estas idéias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de dar a vida por eles.

Não sabíamos em que maneira déssemos ao bonzo, as mostras do nosso vivo contentamento e admiração. Ele interrogou-nos ainda algum tempo, compridamente, acerca da doutrina e dos fundamentos dela, e depois de reconhecer que a entendíamos, incitou-nos a praticá-la, a divulgá-la cautelosamente, não porque houvesse nada contrário às leis divinas ou humanas, mas porque a má compreensão dela podia daná-la e perdê-la em seus primeiros passos; enfim, despediu-se de nós com a certeza (são palavras suas) de que abalávamos dali com a verdadeira alma de pomadistas; denominação esta que, por se derivar do nome dele, lhe era em extremo agradável.

Com efeito, antes de cair a tarde, tínhamos os três combinado em pôr por obra uma idéia tão judiciosa quão lucrativa, pois não é só lucro o que se pode haver em moeda, senão também o que traz consideração e louvor, que é outra e melhor espécie de moeda, conquanto não dê para comprar damascos ou chaparias de ouro. Combinamos, pois, à guisa de experiência, meter cada um de nós, no ânimo da cidade Fuchéu, uma certa convicção, mediante a qual houvéssemos os mesmos benefícios que desfrutavam Patimau e Languru; mas, tão certo é que o homem não olvida o seu interesse, entendeu Titané que lhe cumpria lucrar de duas maneiras, cobrando da experiência ambas as moedas, isto é, vendendo também as suas alparcas: ao que nos não opusemos, por nos parecer que nada tinha isso com o essencial da doutrina.

Consistiu a experiência de Titané em uma coisa que não sei como diga para que a entendam. Usam neste reino de Bungo, e em outros destas remotas partes, um papel feito de casca de canela moída e goma, obra mui prima, que eles talham depois em pedaços de dois palmos de comprimento, e meio de largura, nos quais desenham com vivas e variadas cores, e pela língua do país, as notícias da semana, políticas, religiosas, mercantis e outras, as novas leis do reino, os nomes das fustas, lancharas, balões e toda a casta de barcos que navegam estes mares, ou em guerra, que a há freqüente, ou de veniaga. E digo as notícias da semana, porque as ditas folhas são feitas de oito em oito dias, em grande cópia, e distribuídas ao gentio da terra, a troco de uma espórtula, que cada um dá de bom grado para ter as notícias primeiro que os demais moradores. Ora, o nosso Titané não quis melhor esquina que este papel, chamado pela nossa língua Vida e claridade das coisas mundanas e celestes, título expressivo, ainda que um tanto derramado. E, pois, fez inserir no dito papel que acabavam de chegar notícias frescas de toda a costa de Malabar e da China, conforme as quais não havia outro cuidado que não fossem as famosas alparcas dele Titané; que estas alparcas eram chamadas as primeiras do mundo, por serem mui sólidas e graciosas; que nada menos de vinte e dois mandarins iam requerer ao imperador para que, em vista do esplendor das famosas alparcas de Titané, as primeiras do universo, fosse criado o título honorífico de "alparca do Estado", para recompensa dos que se distinguissem em qualquer

disciplina do entendimento; que eram grossíssimas as encomendas feitas de todas as partes, às quais ele Titané ia acudir, menos por amor ao lucro do que pela glória que dali provinha à nação; não recuando, todavia, do propósito em que estava e ficava de dar de graça aos pobres do reino umas cinqüenta corjas das ditas alparcas, conforme já fizera declarar a el-rei e o repetia agora; enfim, que apesar da primazia no fabrico das alparcas assim reconhecida em toda a terra, ele sabia os deveres da moderação, e nunca se julgaria mais do que um obreiro diligente e amigo da glória do reino de Bungo.

A leitura desta notícia comoveu naturalmente a toda a cidade Fuchéu, não se falando em outra coisa durante toda aquela semana. As alparcas de Titané, apenas estimadas, começaram de ser buscadas com muita curiosidade e ardor, e ainda mais nas semanas seguintes, pois não deixou ele de entreter a cidade, durante algum tempo, com muitas e extraordinárias anedotas acerca da sua mercadoria. E dizia-nos com muita graça:

- Vede que obedeço ao principal da nossa doutrina, pois não estou persuadido da superioridade das tais alparcas, antes as tenho por obra vulgar, mas fi-lo crer ao povo, que as vem comprar agora, pelo preço que lhes taxo.

- Não me parece, atalhei, que tenhais cumprido a doutrina em seu rigor e substância, pois não nos cabe inculcar aos outros uma opinião que não temos, e sim a opinião de uma qualidade que não possuímos; este é, ao certo, o essencial dela.

Dito isto, assentaram os dois que era a minha vez de tentar a experiência, o que imediatamente fiz; mas deixo de a relatar em todas as suas partes, por não demorar a narração da experiência de Diogo Meireles, que foi a mais decisiva das três, e a melhor prova desta deliciosa invenção do bonzo. Direi somente que, por algumas luzes que tinha de música e charamela, em que aliás era mediano, lembrou-me congrega os principais de Fuchéu para que me ouvissem tanger o instrumento; os quais vieram, escutaram e foram-se repetindo que nunca antes tinham ouvido coisa tão extraordinária. E confesso que alcancei um tal resultado com o só recurso dos ademanos, da graça em arquear os braços para tomar a charamela, que me foi trazida em uma bandeja de prata, da rigidez do busto, da unção com que alcei os olhos ao ar, e do desdém e ufanía com que os baixei à mesma assembléia, a qual neste ponto rompeu em um tal concerto de vozes e exclamações de entusiasmo, que quase me persuadiu do meu merecimento.

Mas, como digo, a mais engenhosa de todas as nossas experiências, foi a de Diogo Meireles. Lavrava então na cidade uma singular doença, que consistia em fazer inchar os narizes, tanto e tanto, que tomavam metade e mais da cara ao paciente, e não só a punham horrenda, senão que era molesto carregar tamanho peso. Conquanto os físicos da terra propusessem extrair os narizes inchados, para alívio e melhoria dos enfermos, nenhum destes consentia em prestar-se ao curativo, preferindo o excesso à lacuna, e tendo por mais aborrecível que nenhuma outra coisa a ausência daquele órgão. Neste apertado lance, mais de um recorria à morte voluntária, como um remédio, e a tristeza era muita em toda a cidade Fuchéu. Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal, sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então ocorreu-lhe uma graciosa invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos

sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar. O assombro da assembléia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia que acreditasse, pois se lhe repugnava a metafísica do nariz, cedia entretanto à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio. Foi então que alguns filósofos, ali presentes, um tanto envergonhados do saber de Diogo Meireles, não quiseram ficar-lhe atrás, e declararam que havia bons fundamentos para uma tal invenção, visto não ser o homem todo outra coisa mais do que um produto da idealidade transcendental; donde resultava que podia trazer, com toda a verossimilhança, um nariz metafísico, e juravam ao povo que o efeito era o mesmo.

A assembléia aclamou a Diogo Meireles; e os doentes começaram de buscá-lo, em tanta cópia, que ele não tinha mãos a medir. Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos, assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto, e que este era inacessível aos sentidos humanos, não se davam por defraudados, e tornavam aos seus ofícios. Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa experiência, senão o fato de que todos os desnarigados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado para glória do bonzo e benefício do mundo."